

ENTULHO AUDITIVO, por RA

Este Entulho será quase todo composto por lançamentos de Death Metal, tal é a quantidade de edições que nos têm chegado.

Início então a rubrica com “Nihilistic Contentment” [Wicked World, Earache/ Megamúsica] dos dinamarqueses EXMORTEM. Embora superior a trabalhos anteriores, continua a sobrar em tecnicismo e velocidade o que falta em criatividade e originalidade. Numa onda mais *old-school* sueca, chegaram os “Lucifer Rising” [Candlelight/ Recital] dos KAAMOS. Um disco porreiro, indutor e que nos faz bater o pé e abanar a cabeça mas, como o nome deixa antever, não esperem algo de muito original ou *groundbreaking* — recomenda-se a fãs de Grave, Unleashed ou Vomitory (coisa que todos somos um pouco, não é verdade?). Também da Suécia recebemos “Revealed and Worshipped” [Wicked World, Earache/ Megamúsica] dos INSISION que, embora seja um bom disco com uns aromas a Florida, não deixam de ser apenas mais um. MAZE OF TORMENT é mais do que um clássico dos Morbid Angel, há mesmo uma banda com esse nome, daquelas cujo logotipo tem crucifixos invertidos, e até não são nada maus. “Hammers Of Mayhem” [Black Lodge/ Recital] faz lembrar Possessed a dar nos estêrões mas é tudo muito repetitivo e custa a ouvir mais do que 3 ou 4 músicas. Johan Liiva tem passado demasiado tempo a ver a sua anterior banda (Arch Enemy) na MTV, por isso resolveu fazer uma *cover* de “Cambodja” [Karmageddon Media/ Recital] da loura Kim Wilde. Juntou-lhe dois originais e temas de outros lançamentos raros e aqui temos um EPzito para entreter enquanto não sai o novo disco dos HEARSE. E fica a pergunta aos Nile: para quando uma *cover* da Barbra Streisand?

Da Suécia para outro *hotspot* europeu, “Chaostream” [Wicked World, Earache/ Megamúsica] dos polacos LOST SOUL dá-nos mais do mesmo que Vader ou Decapitated nos têm dado melhor. Se há 3 ou 4 anos atrás o Death Metal polaco era do melhor que se fazia, aqui temos a prova que o *hype* provocado por grandes discos (“Litany” ou “Nihility”, por exemplo) traz-nos sempre posteriores lançamentos marcados pela mediania.

Voltando ao Norte, e porque esta é uma edição com um especial foco sobre a Finlândia, chegaram-nos dois lançamentos de uma nova editora chamada Firebox. Começaria por falar em “Pictures Of Death” [Firebox/ Recital] dos SHADOW CUT, uma banda fundada por membros de Omnio e Impaled Nazarene, que nos trazem um bom disco, pesado, mas com o trauo melancólico da Terra dos Mil Lagos. Nada de transcendente, apenas Death simples, por vezes a roçar o Black Metal, apresentado em nove temas bastante homogêneos. Os TOTAL DEVASTATION lançam o seu segundo trabalho “Reclusion” [Firebox/ Recital], um disco porreiro que, longe de ser Industrial como dizem, dá um toque electrónico interessante a um Death Metal básico, tornando o resultado final em algo de refrescante. Ganham em relação a alguns dos seus pares porque não utilizam *samples* e máquinas por dá-cá-aquela-palha e conseguem, ainda, ter um *feeling* Rock orgânico. São mais uma boa banda finlandesa a descobrir. A encerrar o capítulo, trago-vos “Bloodletting” [Karmageddon Media/ Recital] dos SEVERE TORTURE. Um disco ao vivo perfeitamente dispensável, daqueles que servem apenas para cumprir contrato, incluindo ainda a Demo “Baptized In Virginal Liquid” e uma *cover* de “Lost Souls” dos Pestilence.

Os GOAT OF MENDES trazem-nos um disco insípido, mal produzido e, em certas alturas, irritante. “A Book Of Shadows” [Mendes Music/ Recital] é parolo e pretensioso. Se o plástico fosse biodegradável atirava com o disco à Boca do Inferno depois de uma volta salaio num domingo à tarde. E o que esperar de uma banda com o pomposo nome de ELVIRA MADIGAN? Para terem uma ideia, o disco chama-se “Angelis Deamonae — Wiccan Aftermath” [Black Lodge/ Recital] e, se gostam de correr todos nus pela floresta em honra da deusa, este é o disco para vocês. Musicalmente é um álbum que cruza Metal europeu com os clichés do Goth e uma pitadas étnicas — mas há 10 anos atrás já havia coisas muito mais bem feitas. O vocalista que pare de imitar o Dani Filth e de ler Cunningham, que só lhe faz é mal. Os ETERNAL OATH passaram os 90’s fechados no quarto a ouvir Paradise Lost e todo o catálogo da Holy Records. “Wither” [Black Lodge/ Recital] parece comida mastigada e regurgitada, por isso passemos à frente. Os CIRCLE II CIRCLE são uma banda formada por Zak Stevens, ex-vocalista de Savatage. Isto já diz tudo sobre “The Middle Of Nowhere” [AFM Records/ Recital].

Na área do Rock, apareceu-nos “Désinvoltura” [More Noise Less Music/ Sabotage] dos eslovenos PSYCHO-PATH. Um Indie-Rock híbrido de uns Placebo em versão feminina escatológica, com uns Cranberries (uma das bandas mais asquerosas do mundo?)... nem a participação de Dälek na melhor faixa do disco (que não quer dizer muito) safa a coisa. O mesmo acontece com “The Rock and Soul Circus” [Dim Mak/ Sabotage] dos MC5... Oops!, dos DOLLHOUSE, uns suecos todos do *revival* que bem podem tecer elogios a Sun Ra.

E acabo numa nota triste... lamentando a edição de “Planets” [Earache/ Megamúsica] dos nojentos ADEMA. Uma autêntica mancha no magnífico catálogo de uma editora fundamental para o desenvolvimento da música extrema. Uma *boys band* de rock fatela, de e para meninos ricos. *Shame on you, Digby!*

ALIEN SQUAD (Por) Order NOT Government

CD’05 • Anticorpos D.I.Y. Persistência, militância, coerência e resistência são algumas das palavras que nos vêm à cabeça quando se fala dos Alien Squad, a banda Trash/Punk de Leiria que carrega a bandeira negra da cena anarco-Punk portuguesa. O terceiro álbum segue a mesma linha dos anteriores registos, estando presente a influência do Punk britânico dos anos oitenta, de bandas como Discharge, e o espírito crítico anarco-Punk cuja maior referência são os Crass. Os *riffs* de guitarra de PA são simplesmente arrasadores e é uma pena que o baterista não consiga aguentar o andamento. Uma vantagem deste álbum em relação aos dois primeiros é que a duração do mesmo não é excessiva, ao contrário dos outros, que os torna maçadores. Resta dizer que a gravação e produção merecem nota máxima, mantendo a boa tradição dos trabalhos feitos no Estúdio Crossover. 3,4 LO



ABORTED (Bé) The Archaic Abattoir

CD’05 • Listeneable Records De todas as bandas que se libertaram do estigma de clones de Cannibal Corpse, estes belgas são, de longe, os mais porreiros. Porreiros, não no sentido de ir beber-se um copo com eles e apresentar-lhes a nossa irmã, mas porque tocam música porreira, para se curtir. “The Archaic Abattoir” cresce das sementes lançadas por “Leprosy”, regado com o sangue de “The Bleeding” e podado com a mestria de “Heartwork”. Não será seguramente um marco histórico, como os discos referidos, mas certamente fará as delícias dos apreciadores do género — e que acham os Arch Enemy uma seca [o que muita gente pensa mas não admite] e ficaram desiludidos com o rumo dos Carcass pós “Heartwork”. Não sei se este ano vai trazer-nos outro disco de Death Metal assim: com grandes *riffs*, *catchy* q.b., ritmos dinâmicos e variados, vocalizações versáteis; mas não ficarei sentado à espera. É claro que nem tudo são rosas, senhores — ou, para usar outra metáfora, todas as rosas têm o seu espinho —, o álbum também tem a sua dose daquilo a que os bifés chamam de *fillers*, vulgo: músicas para encher chouriços. De resto, continuamos a ter as moto-serras e cutelos na capa, as músicas com nomes como “The Gangrenous Epitaph” ou “Descend to Extirpation” [que saudades das letras de Schuldiner!], e todo aquele imaginário gore juvenil já esgotado. Não fosse isso, talvez merecesse mais do que 3,7 RA

BELPEGOR (Aus) Goatreich — Fleshcult

CD’05 • Napalm Records/ Recital Pese embora a evidente intersecção temática, os Belphegor não têm uma sonoridade tipicamente Black Metal, apesar de umas vocalizações aqui e ali. O seu som aproxima-se muito mais das bandas de Brutal Death Metal americano; a referência que me vem imediatamente à mente são os Morbid Angel, pois tal como eles também os Belphegor demonstram aqui a capacidade de compor temas eficazes, sejam eles assombrosamente rápidos ou mesmo francamente lentos (o que é em grande medida uma novidade para esta banda), mas sempre com os factores comuns do peso indómito e constante, bem como das letras blasfemas e anticristãs. Felizmente, e como convém a este tipo de música, a produção e a técnica são excelentes, o que faz deste “Goatreich — Fleshcult” um álbum altamente recomendável a quem goste de *riffs* frenéticos e batidas demolidoras. De notar também com agrado que o novo baterista está ao nível do seu antecessor. 4,3 Rick

CALLISTO (Fin) True Nature Unfolds

CD’05 • Earache/ Megamúsica Depois dos Cult of Luna, a Earache volta a mostrar-nos uma banda escandinava descendente do legado Neurosis. Tendo sido originalmente editado apenas na Finlândia, em 2004, “True Nature Unfolds” é uma pérola vinda do frio. É verdade que não acrescenta muito em termos de originalidade e, tal como os Cult of Luna, segue na direcção explorada pelos Isis a partir de “Oceanic”, mas revelam uma sensibilidade melódica assinalável e inteligência na composição dos temas. Uma grande maturidade para uma banda cuja média de idades se cifra nos 24 anos. É incorrecto e injusto voltar a comparar mas os Cult of Luna não tinham esta *finesse* nos primeiros discos e, além disso, os Callisto têm aquela melancolia tipicamente finlandesa que torna os temas ainda mais densos e emocionais. Em alguns temos ainda uma voz feminina que dá mais cor e versatilidade à música. Com produção a cargo do desaparecido Mieszko Talarczyk, “True Nature Unfolds” é um disco honesto, belo e despretensioso — uma grande estreia! 4 RA

CANDLEMASS (Sue) Candlemass

CD’05 • Nuclear Blast/ Mastertrax Foram precisos cerca de 15 anos para um novo álbum de Candlemass com o seu *line-up* clássico ser editado. Pelo meio, ficaram ameaças de recomeço, reuniões, fins, álbuns com outros músicos em caminhos mais ou menos experimentalistas... Mas Candlemass mantém uma reputação inabalável desde os anos 80. Depois da última reunião e do último fim, já com Messiah na voz em 2002, os Candlemass apanharam-nos de surpresa! Mas será este um registo digno? Depois de vários discos que se tornaram clássicos e de um longo período de

instabilidade, seria difícil para os Candlemass voltarem a alcançar as Trevas e fazer outro clássico. Mais: não cair em posições, num “Nightfall” pt.2, por exemplo. É mais respeitável o esforço pela reinvenção, mesmo que não resulte tão bem ou receba uma reacção tão efusiva... E o que aconteceu? Os Candlemass mantêm a sua identidade mais reinventam-se e acompanham a mudança dos tempos. Logo na abertura com “Black Dawn” apanhamos com um Doom mais realista... “From the fifth of the crucifix, to the stretch of headlines, god is there, his ugly face, blocking out the sunshine...”, e alguma vez esperámos ouvir Messiah a dizer “You’re so full of shit” num tema? Não me parece. Mas as metáforas são fortes, as reflexões profundas, e um sentimento mais ancestral emerge logo a seguir com “Seven Silver Keys” (“Open up your dreams, seven silver keys”), um tema bem Candlemass, mais lento e épico. Mas o grande épico *catchy* deste trabalho é “Copernicus”, com uma vibração muito Sabbath (que se mantém um pouco por todo o trabalho, influência da qual Leif se orgulha), e até qualquer coisa de My Dying Bride na abertura (que não deve ser intencional, mas se o foi é mais uma das risotas da banda Doom mais divertida de todos os tempos... Ou não fossem eles os pais do Doom europeu!). No geral, o desenfolar dos temas é mais rápido, canções isoladas, *riffs* imaginativos, os traços característicos de Candlemass estão lá... (e repare-se no próprio título do álbum e na simplicidade da capa) mas não é “mais um!” Não posso considerar um clássico ao nível do material pré-1990, mas é sem dúvida um disco excelente que reafirma o poder e importância desta incontornável referência. Para terminar, tenho mesmo que voltar a destacar o trabalho de Messiah Marcolin, com uma destreza formidável numa das suas mais brilhantes performances de sempre: trata-se apenas de uma das melhores e mais personalizadas vozes do Metal de sempre. 4,5 JP

COMMUNIC (Din) Conspiracy in Mind

CD’05 • Nuclear Blast/ Mastertrax Levei tempo até me habituar à ideia de que não estava a ouvir Nevermore. Olhava para a capa, olhava para a rodela a labutar no meu “gira-discos” e interrogava-me se não era uma troca. O peso das guitarras, os *riffs*, e a voz muito idêntica à de Warrell Dane, com as suas naturais dobragens, tiraram-me da realidade por instantes. Mas não, era só e apenas mais um projecto semelhante editado pela Nuclear Blast com o nome Communic. Fundado em 2003 por elementos dos Scarior e Ingermanland, bastou um ano para darem ao mundo o produto do seu “suor”. “Conspiracy in Mind” foi gravado em finais de 2004 nos Jacob-Hansen-Studios (Dinamarca). Sem repregandas a fazer pelo trabalho de estúdio, da composição digamos apenas que os Communic não têm música, por agora, para constar entre os álbuns a recordar de 2005. 3,3 SB

CRIONICS (Pol) Armageddon’s Evolution

CD’05 • Candlelight Records/ Recital O mais recente CD de Crionics tem muitas qualidades, mas também o que poderá ser para alguns um defeito. As qualidades são o alto nível técnico dos músicos e a óbvia capacidade de compor magníficos temas de Black/Death Metal melódico. O baterista, em especial, demonstra bem que vem da Polónia, pois opera um autêntico massacre na bateria. Quanto ao defeito, é a colagem demasiado evidente a Emperor, e quando digo “para alguns” refiro-me àqueles que tenham problemas com uma certa falta de originalidade nas bandas que procuram. Para os outros, e principalmente para quem goste de música extrema com teclados, vão muito bem servidos. Todos os fãs de Emperor que estejam inconsoláveis com o fim da banda podem limpar as lágrimas e comprar “Armageddon’s Evolution” (e até têm uma *cover* do “The Loss and Curse of Reverence” no fim). E digo isto sem problemas de consciência, porque o CD está mesmo bom! 4,3 Rick

CROWBAR (EUA) Lifesblood For The Downtrodden

CD’05 • Candlelight Records/ Recital “I’m at the point where I can do what I please”, assim começa o novo álbum dos Crowbar. Felizmente, Kirk Windstein só quer que os Crowbar sejam iguais a si próprios e “Lifesblood For The Downtrodden” é mais um excelente disco na sua já longa carreira, e que não fica a perder por muitos para “Odd Fellows Rest”. Integralmente composto por Windstein, “Lifesblood...” conta

ainda com o velho conhecido Craig Nunenmacher na bateria e Rex Brown no baixo e produção. Por cada riff de 5 toneladas que nos bate repetidamente na cabeça, como uma marreta, temos uma melodia que nos cativa e deixa emburrados numa onda de diferentes emoções. Para quem não conhece, imaginem um híbrido entre My Dying Bride e Black Flag, a ouvir Black Sabbath com o fodor de um pântano do Louisiana impregnado na roupa. Descrição redutora, é certo. O melhor é mesmo ouvir Crowbar e este é um disco perfeito para servir de ponto de partida à descoberta da discografia desta banda ímpar. Depois de um interregno de quatro anos em que Windstein esteve com os Down, "Lifesblood..." recupera alguma da agressividade dos primeiros trabalhos, porém sem nunca descurar a melodia e a profundidade desenvolvida na fase mais recente. "Angel's Wings" roça o Hardcore enquanto que "Underworld" (sim, é dedicada a nós) é um soco no estômago e "Lifesblood" é uma balada arrepiante que fecha o disco na melhor tradição Led Zeppelin. Mas, uma vez mais, este disco tem uma daquelas canções que marcam... "Fall Back To Zero" precisa de ser ouvida para se acreditar. Não fosse uma fase final do disco mais desinspirada, com "Holding Something", "Moon" e "The Violent Reaction", e estaríamos perante o melhor trabalho dos Crowbar. Essa acaba por ser a grande pecha nesta banda, os discos têm sempre temas fabulosos mas outros parecem apenas exercícios previsíveis com riffs que sobram de qualquer lado. Creio que ainda teremos um disco de Crowbar histórico, com dez temas sublimes como "Fall Back To Zero" (recorde ainda "Nothing" ou "Planets Collide"). Torço por isso. **4,2 RA**

DARKSEED (Ale) Ultimate Darkness

CD'05 . Massacre Records/ Recital
Para os apreciadores do género musical híbrido entre o Metal e o Gótico, os Darkseed não devem ser novidade. Este sexteto Alemão, banda de culto no seu país, conta com uma carreira já com cerca de doze anos, ao longo dos quais lançaram duas Demos, um EP, uma compilação de material antigo e seis álbuns, dos quais "Ultimate Darkness" é o mais recente. Tendo acompanhado regularmente a carreira dos Darkseed desde 1997, altura em que lançaram "Spellcraft", é com prazer que observo a evolução desta banda. Mantendo o núcleo duro do vocalista/programador Stefan Hertrich e guitarrista Thomas Herrmann e Tom Glicher há já vários anos, isso reflecte-se na maturidade da sonoridade dos Darkseed, aparecendo neste trabalho mais coesos que nunca. Cruzando inúmeras vezes a fronteira entre o Metal e o Gótico com mestria, este é um álbum também com uma forte componente electrónica, sem no entanto comprometer a liderança das guitarras. A secção rítmica é competente, sem deslumbrar, mas contribuindo positivamente para a qualidade final de "Ultimate Darkness". De registar também o recurso à língua alemã em algumas das faixas, alternando com o inglês de forma interessante. Nestas doce faixas com temas *catchy* (sem no entanto comprometerem a sua integridade face à cegueira do sucesso comercial), os Darkseed aproximam-se de colectivos como Paradise Lost, sem ainda atingirem o brilhantismo que caracteriza (caracterizou?) os ingleses. Pouco faltará, parece-me. Muitas vezes acusados de serem "demasiado Metal para os góticos e demasiado Gótico para os metálicos", este mais recente trabalho dos Darkseed servirá certamente para que ambos os mundos possam receber de braços abertos os Alemães. Pelo seu árduo trabalho ao longo dos anos e elevada qualidade global, merecem-no. **4 Lurker**

DESPISED ICON (Can) The Healing Process

CD'05 . Century Media/ Edel
Confesso que tenho vindo a perder algum entusiasmo pelas sonoridades mais extremas nos últimos tempos. No entanto, não creio que o mal seja meu mas sim da falta de novas propostas refrescantes e que tragam algo de verdadeiramente novo. Ainda me lembro do ar incrível com que fiquei depois de ouvir Cryptopsy pela primeira vez, do quanto fiquei viciado em Cephalic Carnage quando me emprestaram o primeiro disco deles mas, nos últimos dois ou três anos, não me recorde de uma banda do género que me tenha impressionado tanto como os Despised Icon. As bandas atrás mencionadas não o foram de forma inocente, de facto sentimos aqui a sua influência — mas apenas isso. Há aqui originalidade, talento e, pasme-se, canções! Não é apenas um aglomerado de riffs e ritmos mas são mesmo canções, que ficam na memória e dão vontade

de ouvir novamente, coisa que raramente acontece hoje em dia. Assimilando influências de Death, Grind e Metalcore, acrescentando-lhe um cunho pessoal, "The Healing Process" poderá servir como passaporte para voos mais altos e trazer transversalidade entre estilos — há aqui potencial suficiente para ir longe, dando os passos certos. Será que os Despised Icon cumprirão o que este disco promete ou não passarão de um *bluff* como os Dying Fetus? **3,8 RA**

DISBELIEF (Ale) 66Sick

CD'05 . Nuclear Blast/ Mastertrax
Devo confessar que é a primeira vez que aprecio esta banda veterana já com 6 álbuns editados, mas se calhar por isso há outra isenção e surpresa da minha parte. O Death Metal está lá, mas é personalizado. Vamos imaginar que John Tardy (vz, Obituary) fazia uma banda com membros de Deftones e Katatonia. Isso seria algo aproximado a "66Sick" dos Disbelief. Eles referem como preferência, no seu site, Morgoth, álbum "Odium". Sim, é também uma referência que merece ser mencionada. É de facto refrescante levar com este gutural não-regurgitante no topo de guitarras com harmónicos melancólicos, etéreos, evolutivos, que aqui ambientam, mas ali já fugistam as carnes até o sangue coagular, colorindo a pele com pinceladas púrpura-enebrecido. Também *vi* algum *groove* ali por debaixo, parece que nem só de *headbangers* vivem os concertos hoje em dia... há sempre alguém para saltitar. Fora este comentário desnecessário, a banda é densa, tem personalidade, e merece ser descoberta. **4,3 JP**

General Patton vs. The X-ecutioners CD'05 . Ipecac/ Sabotage

Eis o registo de uma querela alucinada do General Mike Patton (que dispensa apresentações) e o Esquadrão de Hip Hop, os X-ecutioners. Dois tipos de militares diferentes, o primeiro dono de uma Unidade Vocal Impar (UVI) e com uma experiência de combate em Música Improvisada e Rock (MIR); os segundos, verdadeiros Especialistas de Turntablism e Scratch (ETS) também com experiência MIR entre outras. Para quem gostou de Patton na Guerra de Tróia que foi "LoveAge" ou no épico combate "Another Body Murdered" (em que punha frente a frente os Faith No More e os Boo Yaa Tribe) irá gostar de certeza deste "General Patton vs. The X-ecutioners". Neste Disco de Propagação Audio (DPA) há samples de tudo, indo da música latina ao Bluegrass, de excertos de filmes de Clint Eastwood a Bruce Lee, do Afro-beat ao ZX Spectrum (computador do século XX cujo o *input* de Software era feito por K7's audio!), do Free Jazz às marchas militares (a "mentalidade militar" é o tema deste álbum). Tudo é triturado em contra-ataques contínuos de Esquizofrenia Criativa Colectiva (ECC), provando que o General Patton, em sinergia com outras forças, consegue superar as batalhas perdidas de Fantômas e Tomhawk — como, aliás, provou ainda recentemente com o DPA "Romances" com o Capitão Kaada. Não estamos perante uma resposta do Hip Hop ao DPA "Disco Volante" dos paramilitares Mr. Bungle, mas a estimativa ronda para os **4,6** créditos na Tabela de Audição Qualitativa (TAQ). **Marte**

GRAVE DIGGER (Ale) The Last Supper

CD'05 . Nuclear Blast/ Mastertrax
Celebrando já 25 anos de carreira, os Grave Digger regressam ao activo com novo álbum. Talvez inspirados pelo recente filme de Mel Gibson, "A Paixão de Cristo", este registo narra os últimos passos de Jesus Cristo antes da sua crucificação, abandonando desta vez as histórias medievais que têm caracterizado as suas últimas obras. Não sei se foi propositado ou não, mas este álbum é mais melódico e menos agressivo, sendo no entanto mais consistente, algo que sempre me pareceu ser um *handicap* nos discos anteriores. A voz do líder e vocalista Chris Boltendahl continua a ter aquela tonalidade rouca e um pouco irritante, o que prejudica a evolução da banda mas que, ao mesmo tempo, é um elemento caracterizador do quinteto germânico. Penso, no entanto, que "The Last Chapter" não vem acrescentar algo de novo na já extensa discografia da banda. **3 PA**

HIGH ON FIRE (EUA) Blessed Black Wings

CD'05 . Relapse
"Blessed Black Wings" é a confirmação do crescente processo de "metalização" da banda do ex-Sleep Matt

PRIMORDIAL (Iri) The Gathering Wilderness

CD'05 . Metal Blade/ Recital
Quase três anos passados desde o furioso "Storm Before Calm" e chega-nos finalmente o dramático "The Gathering Wilderness". Mudança de editora, de produtor (Billy Anderson, conhecido pelo seu trabalho com Neurosis), e também mexidas na sonoridade. Um som mais orgânico, mais cheio, baixo presente, bateria a sério; guitarras de agudo cortante com o arrepio e sangue habituais, e Nemtheanga com novo penteado, a elevar ainda mais a sua fasiaquia numa presença marcadamente mais épica, menos gritada e mais cantada — melancólica também. É um trabalho pleno e equilibrado, profundo, algo só ao alcance de um colectivo amadorizado que encarna realmente a arte que produz. Os Primordial continuam a beber da cultura do seu país — Irlanda —, mantendo uma sonoridade própria, rica e interessante. Algo que infelizmente não é comum por cá onde, à excepção dos Thragedium, apenas os Moonspell fizeram pontuais incursões por campos étnicos Lusitanos no seu Metal negro. "The Gathering Wilderness" é uma de poucas obras de grande nível no Metal mais obscuro e mantém a magia que só bandas como Bathory ou Candlemass detinham nos anos 80. É difícil destacar um tema. Particularizarei o arrepiante e trágico "The Coffin Ships", uma das composições mais "miseráveis" e sofrida dos Primordial até à data, e o melancólico e nostálgico "Cities Carved in Stone" que encerra praticamente 60 minutos de alma em sangue e "punho erguido ao vento e chuva...". TGW é um disco que ouso afirmar ser um expoente de carreira e que ficará marcado no tempo. A embalagem está bem conseguida também, com um DVD bónus onde podemos ver a banda em estúdio e compreender melhor o que os levou a este resultado (não sei se é esta a edição que por aí anda em Portugal, mas seja como for... este seria um promo com o qual eu nunca me contentaria). Um disco avassalador e grandioso. Preciso de dizer mais alguma coisa? **4,85 JP**

Pike. Depois de começarem por trilhar um caminho que seguia numa clara continuação do Stoner Doom que tornou os Sleep uma banda de culto, o peso foi aumentando de lançamento para lançamento. Os elementos Doom e Rock continuam lá, incluindo as guitarras de filiação psicadélica pré anos oitenta, mas a fusão com o Heavy Metal gera neste CD uma impressionante e intensa afirmação musical. Imaginem uma banda estilo Black Sabbath e Saint Vitus que injecta no seu som uma forte dose de Motörhead e poderão ficar com uma ideia do que irão encontrar aqui. Faixas quase Thrash como "Devilution" ou "Cometh Down Hessian" cruzam-se com incursões por vezes bastante exploratórias e arrojadas. A produção é muito boa mas pouco típica, com um cunho pessoal, que dá à música um ambiente por um lado quase hipnótico e por outro quase troglodita, como convém a uma banda cujas canções são sobre histórias de feras sobrenaturais, batalhas antigas e rios de sangue. Sem grandes dúvidas este é o ponto mais alto da carreira dos High on Fire; uma obra sólida e poderosa, e a definição de um estilo próprio, o que é admirável nos tempos que correm. A edição em LP inclui uma *cover* de "Rapid Fire" dos Judas Priest. **4 Rick**

IMMOLATION (EUA) Harnessing Ruin

CD'05 . Listenable Records
Quando se fala da única banda de Death Metal que consegue evoluir a cada álbum, mantendo-se sempre fiel à sua sonoridade, é difícil não cair na repetição, pois melhoraram a cada álbum. Quem já os conhece sabe o que esperar e não ficará desiludido. Para quem não conhece: imaginem uma banda que busca ambiências em vez de velocidade, *feeling* em vez de técnica, peso em vez de brutalidade gratuita, integridade no lugar da artificialidade. E, ao contrário do que é costume no género, não existe nenhuma outra banda que soe como eles e são identificáveis logo nos primeiros segundos de audição. "Harnessing Ruin" é o sexto disco da banda e é mais um passo em frente numa carreira notável de progresso e perseverança. Um pequeno senão para a mudança de bateria que, apesar de Steve Shalaty dar provas de grande valor, não dá aquele empurrão extra que vinha do virtuosismo e imaginação de Alex Hernandez, que se viu forçado a abandonar a banda por motivos de saúde. Sendo assim, a música baseia-se numa componente rítmica sólida e competente (mas não genial) e nos riffs densos e insinuantes de Bob Vigna, com uma negritude inexistente em todo o período pós "Altars of Madness", e ainda na voz de Ross Dolan. É um prazer ir descobrindo este disco a cada nova audição pois todos os temas têm a sua personalidade; um bilhete de ida a uma dimensão desconhecida, uma tempestade furiosamente negra com laivos de minúcia mórbida. Ter de referir as vocalizações limpas (até agora indetectáveis) seria cair no óbvio do superficial, mencionar que o som está mais pesado e directo, seria ser demasiado frio e analítico perante um disco destes. "Harnessing Ruin" tem ainda o poder de vir a converter muita gente às sonoridades mais extremas. Altamente recomendado. **4,3 RA**

MAHAVATAR (EUA) Go with the No!

CD'05 . Cruz Del Sur Music/ Nemesis
Metal melódico vindo das ruas de Nova York? Curioso. Banda fundada por duas raparigas? Ainda mais curioso. Karla Williams e Lizza Hayson batalham há seis anos no underground como Mahavatar. Duas Demos e vários concertos pelos palcos da cidade mais influente da costa oriental dos EUA. A oportunidade de edição de um CD veio pela mão da italiana Cruz del Sur, representada em Portugal pela Nemesis. O som deste longa duração é consistente. Heavy Metal com vozes limpas, mas com toques de Nevermore, Control Denied e outras que tais, são de louvar ou, pelo menos, soam bem a quem se deixa seduzir por estes ambientes "ruidosos". Go with the No! leva saldo positivo... **3,5 SB**

MASTERPLAN (Ale) Aeronautics

CD'05 . AFM Records/ Recital
Depois de um excelente álbum de estreia e de uma não menos bem sucedida digressão e participação em grandes festivais, Masterplan estão de volta com "Aeronautics". Nestes casos em que uma banda composta por elementos sobejamente conhecidos e com provas dadas como são os casos de Roland Grapow, Uli Kusch (ambos ex-Helloween) e Jorn Lande (Jorn, ex-Ark, ex-Millennium, ex-Beyond Twilight, ex-The Snakes) o segundo álbum constitui uma prova de fogo. E o certo é que não desiludem. Melodias simples e ao mesmo tempo contagiantes são o principal ingrediente deste prato servido pela excelente voz de Lande (que cada vez mais faz lembrar David Coverdale), sendo este um disco mais rockeiro. "Back For My Life", "Wounds" e "I'm Not Afraid" são as faixas que se podem destacar e que melhor representam a essência Masterplan. Definitivamente uma banda a ter em conta nos próximos tempos e não apenas uma simples e fugaz reunião de grandes talentos como muita vez acontece. **3,8 PA**

MORTUARY DRAPE (Ita) Buried in Time

CD'04 . Avantgarde Music/ Recital
Um ou dois minutos depois de começar a ouvir a primeira música deste CD estava já eu sob o efeito de um alto grau de surpresa. Nunca antes se ouviu uns Mortuary Drape assim! Após uns primórdios de culto Underground, seis álbuns e dezoito anos de existência, a chegada deste "Buried in Time" marca definitivamente uma nova etapa! Tecnicamente impecáveis, com riffs excelentes e uma secção rítmica impressionante, os MD conseguiram, para mais, uma produção como nunca antes tiveram. No entanto o melhor para mim não é nada disto, mas sim o facto de, apesar de estarem bastante mais técnicos, não terem perdido a sua identidade (embora certamente alguns fãs antigos venham a discordar disto). Eles, que durante o *boom* do Black Metal do princípio dos anos noventa faziam parte de uma cena que se distinguiu da escandinava (e que encontrava expressão sobretudo na Itália, Grécia e Checoslováquia), continuam a ter um som *old school* que,

COMEBACK KID (Can)

Wake The Dead

CD '05 . Victory Records

Os Comeback Kid instalaram-se firmemente na ribalta do Hardcore mundial. E o culpado é "Wake The Dead", o seu mais recente registo de estúdio. A Victory Records apadrinou o jovem quinteto oriundo de Winnipeg e fundado em 2002 pelo vocalista Scott Wade e o guitarrista Andrew Neufeld (também membro dos conterrâneos Figure Four). O interessantíssimo último longa duração "Turn It Around", que esteve a cargo do ilustre selo norte-americano Facedown Records — e que, inclusive, o licenciou à pequena editora DIY portuguesa Best Times Records, para uma pequena mas interessante edição de 500 cópias em *picture disc* —, colocou imediatamente o grupo canadiano na boca do mundo. As suas vitoriosas digressões, que abrangeram territórios tão diversos como os E.U.A., a Europa (passagem demolidora por Lisboa incluída), a Austrália e o Japão, deram efectivamente alguns frutos, criando uma sólida e interessante legião de adeptos, espalhados assim pelos quatro cantos do mundo. Embora "Wake The Dead" possa não ser certamente o mais refrescante lançamento deste ano, o certo é que o conjunto dos onze temas aqui incluídos apresenta-se coeso e irrepreensível. Não por ser tecnicamente arrojado, mas por transpirar muita experiência e perseverança. Os cinco músicos sabem o que querem e executam-no na perfeição. O tema homónimo "Wake The Dead" poderá até ser o próximo *Hardcore hit* do "Headbanger's Ball". É tão contagiante e orelhudo que poderá ser facilmente absorvido mesmo em horários mais nobres. Durante a audição integral deste disco encontramos uma vez mais uma fórmula base caracterizada por um Hardcore rápido e agressivo, mas bastante melódico ao mesmo tempo, que não anda muito longe dos últimos trabalhos de bandas como Stretch Armstrong, Bane ou Champion. **4,4 RM**



personalidade. É facto consumado que toda a cultura Pop é criadora de nichos de mercados, baseados na incapacidade do sujeito em individualizar o seu gosto, submetendo-se à vontade da maioria do seu grupo social. Do outro lado, o da oferta, editores e criadores, aproveitam a escravização do gosto para enriquecer as suas infra-estruturas com produtos na expectativa básica dos consumidores. É o seu caso, que realiza uma mera banda sonora de filme *péplum* sem graça, disfarçada de ambiente mórbo e orquestral. Fascista na criação, incipiente no conteúdo, agradável ao nicho em que se insere, é com gosto que nós, da NSK, lhe revelamos um exemplar **3** na escala da qualidade artística. **Marte, Diplomati NSK**

RTX (EUA)

Transmaniacon

CD'05 . Drag City Records

Miss Jennifer Herrena, ex-Royal Trux, a proto-albina com voz de nicotina, apresenta-nos o seu primeiro álbum a solo (em oposição à prolifera carreira do seu ex, Neil Haggerty). Um álbum embalado numa linda capa que parece um disco de Heavy Metal dos anos 80 de segunda categoria, com uma caveira siamesa, ou uma só cortada ao meio e espalmada, com um logo escrito com a fonte de AC/DC e com um título roubado de uma música de Blue Oyster Cult que quase deixa transparecer o que está lá dentro. Se só não o faz é porque este disco está mais do que carregado de drogas por todos os lados, ou cheiro a Aquanet onde a catamina e os ácidos não fizeram efeito, tornando-se ainda mais duro, pesado e mais difícil do que seria de esperar, mesmo tendo em conta o seu passado. Assim, entrega-nos músicas e sons cheios de efeitos, filtros, *vocoders*, pedais, etc., usados de forma quase cirúrgica e que no contexto fazem todo o sentido — fazendo com que não se percebam de onde vêm e para onde vão as guitarras, mas que no meio do caos conseguem despejar *riffs* e solos dignos de qualquer bom disco de Hard n' Heavy da época de ouro da Sunset Strip. E por entre quilos de drogas leves, pesadas e psicadélicas, a Nossa Senhora do Junk e do Trash, Jennifer, mostra-nos a sua escola — que teve como professores os Ratt, Megadeth, Guns n' Roses, Runaways, etc., esquecendo-se apenas do lado sexual de tudo isso. De resto está lá tudo, desde a música para a estrada "Speed To Roam" até à balada "Is Red". Mais do que um disco que pode ser ouvido a qualquer rotação ou *pitch-speed*, "Transmaniacon" é uma experiência que traz sempre algo de novo. **4 AC**

SILENT STREAM OF GODLESS ELEGY (R. Che)

Relic Dances

CD'05 . Redblax / Runesocesius Arts

Originários da Morávia (na República Checa), os SSOGE

são (ou deviam ser) um dos nomes mais sonantes no panorama Doom Metal com raízes étnicas. Com uma discografia onde se contam já quatro álbuns, três dos quais entre 1996 e 2000 (com destaque para o fantástico "Behind The Shadows" e o vencedor de um Grammy Checo, "Themes"), demoraram cinco anos a lançar este mais recente "Relic Dances". Depois de várias mudanças de formação, onde apenas o guitarrista/compositor Radek Hajda sobrou da formação original, a banda recrutou um *ensemble* Moravo e o produtor Tomas Kocko (um ícone do folclore Moravo) para este novo trabalho. Parcerias que resultaram na perfeição e dotam "Relic Dances" de uma sonoridade folk/étnica que combina muito bem com o Doom Metal na base das suas composições. Com paralelos que se podem traçar a My Dying Bride e Anathema, o som do violino acompanha-nos constantemente, reforçado por instrumentos como guitarra acústica, clarinete, flauta e outros de tradição Morava. O resultado são belas e complexas texturas sonoras que nos transportam ao imaginário do folclore Moravo, um equilíbrio entre tristeza e orgulho onde o *ensemble* Radosov assume papel preponderante. Os SSOGE são quase ilustres desconhecidos no nosso país, papel que não lhes assenta nada bem dada a sua inquestionável qualidade, grande profissionalismo e, acima de tudo, capacidade de lançar dos melhores álbuns existentes neste espectro musical. Não será porventura um clássico ao nível de "Turn Loose The Swans" ou "The Silent Enigma", mas é certamente um trabalho que deve ser ouvido por todos aqueles que apreciam boa música. **4 Lurker**

SOCIETY 1 (EUA)

The Sound That Ends Creation

CD'05 . Earache / Megamusic

Nestes tempos que já não são áureos para a indústria musical, um colectivo impor-se globalmente é uma farsquia praticamente impossível. Há, logicamente pontos-chave para se conseguir almejar o céu (ou inferno, dependendo do ponto de vista...): boa imagem, performance intensa e criatividade. Os Society 1 são "uma banda de pessoas extremas a fazer coisas extremas". Imagem: três estafermos vindos das cavernas e um *frontman* chamado Matt Zane. Porno-star, ex-reverendo, Satanista, ocultista, envolvido em tantra, mantra, meditação transcendental... transpondo isso para palco. Zane é suspenso metros por correntes aplicadas por seis ganchos metálicos directamente nas suas costas, nudez, sexo ao vivo, caos... *You name it*. Portanto no capítulo da performance também estamos esclarecidos. Quando à música — que é o que conta, pelo menos aqui — temos um disco mediano, apreciável. Aborda universos distintos de forma eficaz. Abre com "It Isn't Me" (o tema que Rob Zombie teria composto para "Antichrist Superstar" de Marilyn Manson), a seguir entramos

não só mantém o espírito original, como também denota fortes influências oriundas do lado mais pesado do Thrash Metal dos anos oitenta. Magnífico! **4,5 Rick**

OPUS DRACONIS (Por)

Satanic Truth About False Union

CD'05 . Nemesis Musica

Carregado de um ódio anti-cristão latente ao longo das treze faixas, o Black Metal praticado pelos Opus Draconis enquadra-se algures entre a linha mais sinfónica do estilo e ocasionais incursões à brutal devastação. Depois de ouvido na totalidade, este álbum fica aquém da expectativa que o rodeava. Nada de terrivelmente errado nele se pode encontrar (bem, talvez o baixo nível de escrita do inglês), mas também nada de brilhante ou mesmo inovador. Com um ou outro *medley* atmosférico, a distorção suja da guitarra enquadra-se perfeitamente ao estilo, com um competente trabalho rítmico e um registo vocal que poderá ser melhorado no futuro. Existem também passagens com teclados, que contribuem para a atmosfera global, sem no entanto elevarem a sua qualidade por aí além. Não me parece que este seja um álbum que irá passar para a história, mas também não é algo de que os Opus Draconis se devam envergonhar. É um primeiro trabalho decente, que decerto irá contribuir positivamente para a sua evolução. **2,5 Lurker**

PHANTOM VISION (Por)

Calling The Fiends

CD'04 . COP International

Terceiro registo desta banda electro-gótica em terras

estrangeiras, caso para admiração para os que pensam que o mundo é só o bairro onde vivem. Phantom Vision desenvolve-se nos caminhos da electrónica compondo boas canções. Curiosamente a atmosfera deste disco consegue aproximar-se mais do Rock do que de um registo electro, mas pessoalmente, para um velho gótico como eu, pouco ou nada transmite. Falta loucura e imaginação para ultrapassar um género que já tem mais de 25 anos e que já teve tempos memoráveis, justamente porque os artistas desses tempos arriscavam, não ficaram presos a cânones, pelo contrário estavam a criá-los! Bauhaus, Alien Sex Fiend, só para citar os meus favoritos. Por mim, não acho impressionante que uma banda seja profissional e ache um "spot" numa cena especializada: Acho confortável para todos os envolvidos. Só espero que esta banda não seja realmente um caso de "visão fantasma" e avance para o desconhecido. Se o disco fosse de há 20 anos levava um 4,4 mas sendo deste milénio... **3,4 DJ Golden Shower**

PREDELLA AVANT (Hol)

Carbon figures

CD'04 . Ars Musica Diffundere / Black Rain / Equilibrium Music

Cari Amici Soldati Predella Avant: a sua mais recente obra "Carbon Figures" é devedora ao espírito colectivo, de acordo com o princípio da produção industrial e do totalitarismo, o que significa que o indivíduo não se expressa, mas sim a organização. Gostaríamos de felicitar o camarada por realizar uma obra artística isenta de

ENTULHO DE MARTE

«You're so near to Russia
So far from Japan (...)
You're so sadly neglected
And often ignored (...)
Finland, Finland, Finland
Finland has it all!»

Michael Palin, Monty Python

Pelos gelos da Finlândia, o que tenho eu descoberto! Uma inacreditável criatividade artística! E sobretudo nas minhas áreas de preferência: música e bd. Relativamente a esta última, aconselho a visita ao **Salão Lisboa 2005**, a realizar entre 19 de Maio e 5 de Junho na Estufa Fria, em que a Finlândia será o país convidado. Sobre a música, a Finlândia parece-me ser o país mais estranho de que já tive conhecimento no que toca à produção musical, e se calhar tanto ou mais que o Japão!

Antes de entrar em pormenores, uma curiosidade histórica: em 1913 apareceram os primeiros tangos na Finlândia, música mais dada aos suores sul-americanos do que às friezas nórdicas, como é do conhecimento geral. Em 1930 começam as primeiras gravações de **Tango finlandês** (!), género tão popular e aceite quanto esquiar ou ir à sauna! Imaginem se em Portugal, de repente, o Cajun passasse a ser parte do nosso folclore. Eis um ponto de partida para não se estranhar que haja uma banda finlandesa como



os **Força Macabra** [1], que cantam em português (sem saberem falar a língua!), só porque são fãs de bandas Hardcore brasileiras dos anos 80! Ou isto para dizer que qualquer género ou subgénero é absorvido pelos finlandeses, para ser depois recriado, transformado, reciclado e cuspidos como algo novo e fresco, a contrastar com a produção anglo-saxónica dos últimos anos — perfeitamente insípida e decadente.

E directamente da História, dois CD's que mostram que há muito que os finlandeses são "gajos estranhos": "**Arktinen Hysteria - Suomi-Avantgarden Esiputarhureita**" [Love Records, 2001] ou, se preferirem, "Hysteria Ártica - Primórdios da Vanguarda Finlandesa", uma colectânea que

recolhe 13 faixas de música experimental feita entre 1961 e 1970, começando com gravações de arrotos, passando pelo Noise/Electrónico já bastante sofisticado, Free-Jazz marxista (!), Pop-Blues casado com Prog, proto-Industrial, música improvisada/concreta, e conceptual warholiana (uma faixa repete o nome do carismático presidente Kekkonen durante 6 saturantes minutos, a voz é de um senhor de uma mesa de voto que vai lendo os resultados nas eleições de 1962). Talvez não seja o melhor CD para qualquer pessoa começar a ouvir música finlandesa (ou seja o que for), mas a edição explica por que duas gerações de *noisers* como os conhecidos terroristas **Pan Sonic** tocaram em 2002 no Centro Cultural Kiasma (Helsínquia) e os velhos **Tommi Parko** e **Erkki Kurenniemi**, que nos anos 60 inventaram instrumentos novos, como o "sexofone". "**Passions of Läsä Äijälä**" [Badvugum/BV2, 2004] é uma retrospectiva musical do trabalho de **Läjä**, músico que criou o Hardcore finlandês com os **Terveet Kädet** (trad.: Mãos Saudáveis) — ainda hoje considerada como uma das melhores bandas de Hardcore pela *Maximum Rock N'Roll*. Mas o homem teve e ainda tem uma actividade em **Aavikon Kone Ja Moottori** (trad.: Maquinaria e Motores do Deserto), um projecto industrial, **Billy Boy** e **Kolmas** (Psychobilly-Noise? As ligações que faltavam entre Suicide e Pan Sonic?), **Death Trip** (drone-punk), **Sultans** (Blues?) e **Leo Bugarilovers** (Pop bizarro). O CD juntou todos esses projectos, cronologicamente em 78 minutos deste criador ímpar.

Se calhar é por isso que ainda hoje a experiência e vontade de brincar é uma característica dos músicos finlandeses. Por exemplo: **Pylon Rocks and Whips** [Boing Being, 2000] é música

na melodia mais sensual a roçar os Alice in Chains, mais adiante rasga-se vestes com uma aproximação a Ministry, e até há espaço para algo de Groth (ou não fosse a estética S&M um bom suporte). Não há recurso a artefactos tecnológicos, o Rock é intenso, cru, de apenas 4 elementos mas completo. O som de guitarra é sacado ao "Antichrist Superstar" e o feeling étéreo-Trash lembra "Incorporated" dos Grip Inc, mas é um disco equilibrado e directo — pode ser que o próximo tenha mais identidade. **3,7 JP**

SPEED/KILL/HATE (EUA)

Acts of Insanity CD'05 . Listenable Records
Projecto da autoria de Dave Linsk, dos Overkill. Juntamente com o baterista da sua banda principal e outros dois elementos, Dave criou os Speed/Kill/Hate para dar vazão ao material que tinha escrito e que não se enquadrava em Overkill. Este é o resultado e, na verdade, corre o risco de deixar os fãs divididos. Isto porque se trata de um CD sem dúvida brilhante, com uma produção irrepreensível e músicas muito bem conseguidas, mas além dos elementos do Thrash tradicional, os riffs pesadíssimos e os solos fantásticos, existe também um inegável namoro com sonoridades mais modernas, bem patente nos vocais à Pantera, mas não somente aí. Esta mistura do antigo com o moderno funcionou muito bem com os The Haunted, mas neste caso a inclinação para o Thrash/Core americano é bastante mais forte. É um CD que deixará muita gente em puro êxtase. Mas alguns fãs de Overkill nem tanto. **3,9 Rick**

SPITALFIELD (EUA)

Stop Doing Bad Things CD'05 . Victory Records
Lançados por uma editora que nos habituou ao Hardcore mais pesado, deparamo-nos desta feita com uma banda que troca a agressividade pela melodia e trilha caminhos menos previsíveis (embora se debata com os normais clichés do Emo-Core). Seguindo a linha de bandas como The Promise Ring ou Jimmy Eat World, a banda oriunda de Chicago evidencia um amadurecimento neste novo álbum, para o qual contribuiu a produção de Ed Rose (que já trabalhou com nomes como Coalesce ou The Get Up Kids). Os Spitalfield roçam o pop mas sem nunca dispensar as guitarras rock, fazendo recordar por vezes os Foo Fighters (que referem nas suas influências), mas sem chegar à força destes. Mérito para o facto de a banda tentar personalizar o seu som demarcando-se de eventuais conotações. **3,5 LO**

THE BLACK MARIA (Can)

Lead Us To Reason CD'05 . Victory Records
Foram necessários quatro anos para que tivéssemos

notícias de Kyle Bishop, outrora *frontman* dos Grade, ilustre banda com direito a elevado estatuto junto da cena Hardcore mundial. Para formar os The Black Maria, Bishop recrutou três ex-elementos de outros projectos locais, nomeadamente os Zyon e os New Day Rising, também oriundos da cena de Toronto, decorria ainda o ano de 2002. Foram no entanto necessários cerca de dois anos para gravar "Lead Us To Reason". Longe vão os tempos em que o nome Victory Records era automaticamente sinónimo de sonoridades pesadas, quer dentro do circuito Hardcore, quer dentro do circuito Metalcore, e este disco é mais uma prova disso mesmo. O som deste registo é bastante maduro e sofisticado, alternando basicamente entre o Hard Rock mais clássico e o Emocore mais delicado. Os versos cantados e os refrões mais gritados vão alternando entre si como as principais notas dominantes a salientar. Há inclusive espaço para umas leves incursões à utilização de pianos ou até mesmo violoncelos. Enfim, os The Black Maria podem efectivamente não trazer muitas novidades, mas estreiam-se com um registo que prima pela coesão e pela eficácia do todo. No total temos 40 minutos bastante melancólicos mas muito orelhudos, onde o rótulo *screamo* serve mais uma vez como definição. **3,8 RM**

THE MONOLITH DEATHCULT (Hol)

The White Crematorium CD'05 . Karmageddon Media/ Recital
Depois da ascensão e queda de muitos dos grandes nomes do panorama Death Metal mundial, nos últimos anos temos assistido não só a surpreendentes retornos como ao nascimento e/ou passagem à maturidade de bandas de indiscutível qualidade. Será provavelmente nesta última categoria que enquadro estes TMDC. E o que temos ao longo destas nove faixas que compõem "The White Crematorium" é Death Metal de qualidade insuspeita, cortesia deste quarteto holandês. Para enquadrar quem lê estas linhas, podem ser traçados paralelos com os Nile (sem a mitologia Egípcia) ou os seus contrerrâneos God Dethroned, mas a sonoridade dos TMDC é muito mais do que uma cópia das bandas referidas. Talvez o aspecto mais diferenciador seja o uso de teclados ao longo de todo o álbum, suficientemente discretos para não atrapalharem os belos solos e alternâncias de velocidade, mas capazes de oferecer à música um novo nível de profundidade e ambiente. Existem também faixas mais lentas, como a "The Haunted Ravines Of Babi Yar", uma composição de A.J. van Drenth dos Beyond Belief, mas globalmente temos aqui um álbum que ataca directamente o peçoço das suas vítimas, com calculismo mas sem misericórdia. Como o bom Death Metal é suposto ser, na minha opinião. A nível lírico, os TMDC são inspirados em factos históricos, principalmente relacionados com as

EBM significa "Electronic Body Music" e foi criada pelos Front 242 no princípio dos anos 80, com a sua música de dança cheia de sons de batidas mecânicas, melodias de baixo e *samples* sacados aos *mass media*. Sendo uma espécie de segunda geração do Industrial, na realidade é um tipo de música para a pista de dança e foi um género que abriu portas para o desenvolvimento de quase toda a música electrónica conhecida, seja Pop — Depeche Mode na liderança —, seja da cultura Rave. E se é possível fazer o anagrama "Imbeciles cry out on CD", por uma razão é. O EBM nos últimos anos apañeou-se completamente, a maior parte da produção (de origem alemã) não soube ultrapassar os sons dos sintetizadores chungas dos anos 80, que são iguais às musiquinhas das discotecas das tias. Ouvir EBM moderno sabe mal, mesmo com a temática "cyber-niilista", o som irrita porque, se estivermos nas discotecas das Docas, poderemos ouvir coisas parecidas. Pior: a imagem que me vem à cabeça sempre que oiço é de uma festa S&M gay, com um comboio de gajos a enrabarem-se. Imagem tão sinistra como a que eu tenho da minha irmã a ser violada ao som da "Macarena" lá em Alcântara, por 4 gajos do rugby, quando ela saiu a primeira vez à noite, em 1994. Quase souro quando escuto "Stoersequenz" [Black Rain/ NoiTekk], com inéditos exclusivos de bandas como davanTage, Feindflug, Grendel, Flint Glass, Cyborg Attack, Hioctan, Tactical Sekt, Dioxyde, IWR, Necro Facility, Solitary Experiments, Aslan Faction e Side 3 (estas últimas as melhores da colectânea), metade delas deverosas aos deuses Skinny Puppy mas longe, bem longe do seu Olimpo! Reconheço uma boa produção e obviamente uma nova geração de EBM cada vez com vozes mais distorcidas e batidas mais sujas. No entanto — e isto é importante —, os sintetizadores foleiros continuam lá. Ninguém ouviu Chemical Brothers, Daft Punk ou Fisherspooner, entretanto? [2,5] O JP foi à Ucrânia e trouxe-me os SWEET SIXTY NINE que, entre EBM normalizados e mais abertamente comerciais, sempre bombam noutras veias como o PUNK (há uma versão de Misfits) e o Industrial (cheirinhos a Nine Inch Nails), numa produção de quatro EP's espaçados entre 2001 e 2004. Eclético, acessível ou meramente descontraído, poderá já ser um detractor do EBM moderno mas a mim parece-me mais adequado aos tempos de hedonismo em que vivemos. [3,69] www.sweetsixtynine.com. Também da Europa do Norte aparecem os 8th SIN com o CD de estreia "Sinners inc." [Black Lodge/ Recital]. Batidas lineares misturadas com riffs de Metal, é um projecto de ex-heróis do Black Metal underground dos anos 90, agora em formato "sub-Rob Zombie" e imagem saloia. A única coisa positiva que posso dizer deles é que a melhor faixa do CD é a última — sabem porquê?! [2] DJ GoldenShower

duas grandes guerras, tendo tido o cuidado de colocar uma explicação detalhada no *booklet* do enquadramento histórico de cada faixa. É agradável, enriquecedor e revelador do cuidado colocado nesta edição. Apesar do que diz o *press release*, a música dos TMDC não é uma revolução no género, mas antes um excelente contributo para o seu fortalecimento. Poderemos estar perante uma interessante descoberta deste ano. **4 Lurker**

TRAIL OF TEARS (Nor)

Free Fall Into Fear CD'05 . Napalm Records/ Recital
Neste seu mais recente trabalho, os Trail Of Tears abandonam definitivamente a vertente Gótica da sua música, presente nos trabalhos anteriores. E não é só pela exclusão da vocalista feminina, mas antes pelos espectros dentro do Metal que abarcam neste "Free Fall

Into Fear". Mantendo um cariz melódico, temos neste álbum um pouco de tudo. Desde *blastbeats* que podiam ser retirados de qualquer banda de Black Metal, até elementos Death Metal, passando por passagens mais Heavy e acabando numa sonoridade muito próxima do Thrash. em determinadas alturas. Os Trail Of Tears colocam neste trabalho uma pitada de todos os ingredientes que tinham à mão para nos oferecerem algo de novo e interessante. Destaco particularmente a participação de Kjetil Nordhus (dos Green Carnation e Chain Collector) nas vocalizações mais límpidas, que trazem algo adicional e diferente a várias das dez faixas que compõem este trabalho. No entanto, e apesar de tudo o que têm de bom, os Trail Of Tears não conseguem, por alguma razão que não consigo conscientemente identificar, ultrapassar aquela barreira entre o interessante/fugaz e o excelente/histórico. Ficam alguers a meio do caminho,

experimental pela mão de dois criativos que se aprofundam em guitarras desafinadas criadoras de *landscapes*, num violino malcriado e numa percussão disfuncional — o que permite sonoridades electro-acústicas estridentes coladas com alguma electrónica gerada por um antigo Commodore 64. [www.boingbeing.com] Estranho tudo isto? Excêntrico? Claro que um país nórdico é rico. Afirmação grosseira, eu sei. Outra: como sabemos, o dinheiro permite a qualquer um ser excêntrico. Mas se não houver alguma espécie de vitalidade, mesmo num ambiente abastado, não serve de nada ser excêntrico — basta ver os países vizinhos que são modestos em criação artística... Não é o caso da Finlândia, como já devem ter percebido, e a prová-lo está o facto de que, sejam editoras caseiras, *indies* ou comerciais, todas editam música nacional que além de ter uma produção sofisticada — competitiva com qualquer banda anglo-saxónica — ainda tem ideias a rodos, sem que com isso sejam "inacessíveis" ou "intelectuais". O compromisso é saudável e lembra-nos da altura em que a música não passava exclusivamente por uma investida de marketing como nos dias de hoje. Diz Jälä: "Na Arte e na Música podes fazer o que te apetece. Nada na vida é obrigatório, excepto morrer, infelizmente". Seguindo essa máxima, eis alguns exemplos de bandas/discos a que tive acesso:

Aavikko: "Derek!" [Humppa, 1999] é uma bateria e dois órgãos rascas que fazem a festa perfeita para amantes do Ska que não queiram ficar anacrónicos — ou a única banda sonora prodaável nos carrinhos de choque da feira. www.tug-rec.de

Cleaning Women: "Pulsator" [BV2, 2001] pode ser definido como "Post Novelty Noise Rock Funk Sci-fi Samba

Metal Disco Hardcore Folk Industrial Zounds", e mesmo assim não sei se me esqueci de algo. Três pseudo-travestis pegaram em restos de material de limpeza doméstica (estendal da roupa, tambor da máquina de lavar, baldes, parafusos...) e continuaram o trabalho que os broncos dos Therapy? deixaram a meio com o tema "Teethgrinder" — lembram-se? Por alto lembram coisas soltas, independentemente da qualidade, de Rudimentary Peni, Einstürzende Neubauten, Filter, Secret Chiefs 3 ou Skeleton Key. Obcecados por limpeza, os CW são os responsáveis por este artigo — ao descobri-los, a vontade de conhecer mais sobre a banda levou a este micro-dossier! Se vi o futuro do Rock? Sim! De um Rock transgénico com dramatismo da música tradicional e riqueza rítmica do Industrial. O novo CD "Aelita" [BV2, 2004] será criticado no próximo número! www.cleaningwomen.com

Kometa: "Like a Light Bulb" [Badvugum/BV2, 2005] não é um sucedâneo manhoso quando se cruza o inimaginável: de um lado o peso "Black-Sabbathiano", a barulheira, o arranca-e-pára dos Melvins, do outro a sensibilidade Pop "Beatleana", o *non sense*, os metais e mudanças estilísticas dos They Might Be Giants. Pujante e inteligente, como qualquer boa banda, sabe sintetizar os 50 anos do Pop/Rock com personalidade. Dois terços dos Cleaning Women estão cá metidos. Isso explica a coisa? www.badvugum.com
Stalwart: "Torment Nonplus" [Badvugum/BV2, 2004] fica entre os Rapeman (do mestre Steve Albini) e o "Daydream Nation" dos Sonic Youth. Rock Sónico potente e seguro de si, quase todo instrumental nos seus 25 minutos. Obrigá o *replay*.

No género Metal, além de uma enorme produção industrial passível de se encontrar nas resenhas desta revista, gostaria de

referir o EP "Trollharmaren" [Spikefarm/Recital, 2004] dos Fintroll, como exemplo da imaginação *non stop* finlandesa, mesmo no meio conservador do Metal. Mescla de Metal com Humppa (um tipo de Polka), resulta num som que faz lembrar os ajudantes do Pai Natal *búeda* cocados a trabalhar numa fábrica de prendas às 5h da tarde do 24 de Dezembro. Stressados, a mil à hora, ridículos. Os Fintroll usam o Black Metal para sodomizar o Ska. Cantam em sueco, a segunda língua oficial da Finlândia. Estúpido mas engenhoso, tem momentos realmente giros.

Claro que nem tudo o que vem de lá é bom, basta ouvir os recentes "Voice of Wilderness" [Napalm Records/Recital] dos Korpiklaanis (uma imitação rasca do filão descoberto pelos Fintroll mas mais perto dos Mata-Ratos ou Sítidos) ou "The Monster Show" [Mayan/ Megamúsica] dos Lordi ("White Zombie meets Gwar", mas mesmo mau!), ou ainda Kimmo Pohjonen (dizem que é um virtuoso do acordeão mas ao vivo não toca um peido), já para não falar dos execráveis H.I.M. e Rasmus, entre outros, mas admitamos que é admirável que um país com metade da nossa população consiga criar tanto, em qualidade e quantidade, sem medo de comprometer o passado (o tradicional, a convenção) com o futuro (a tecnologia, a experiência).

Mais informações sobre música finlandesa em www.fimic.fi

[1] Libe dos Subcaos já escreveu algumas letras para eles, e apesar de terem projectado inclusivamente um *split* de ambas bandas, nunca chegou a sair.

com um passo na direcção correcta (ao contrário da agonia lenta a que os Theatre Of Tragedy se submeteram — apenas para citar uma das bandas a quem eram muitas vezes comparados os seus trabalhos anteriores), mas ainda sem atingirem o “pote de ouro no final do arco-íris”. Restam poucas dúvidas de que irão continuar a tentar alcançar o seu objectivo, ficando por saber o que nos reservam no futuro. Para já, interessante o suficiente para se manter acima da média, mas ainda não para ombrear com os “pesos pesados” do género. **3,5 Lurker**

UNEARTHLY TRANCE (EUA) In The Red

CD'04 . Rise Above/ Recital

O panorama Doom está tão inundado de bandas chatas e inconsequentes que se torna cada vez mais raro encontrar um disco interessante nos dias de hoje. Lee Dorian sabe disso e esforça-se por encontrar novas bandas com personalidade e vontade em trazer mais miséria e desespero sonoro ao mundo. Bandas que não se contentem em tocar música lenta e arrastada, que saibam que o Doom é muito mais do que isso. E os Unearthly Trance desconfiam disso, mas parece que ainda não têm a firme certeza. Apesar de não descobrirem a pólvora, descobrem como usar todos os clichés do género sem parecer que já ouvimos “In The Red” vinte vezes antes. Até fazem questão em dizer que viveram literalmente na miséria e que compuseram todo o disco sob a influência de drogas, de forma a dar mais credibilidade ao seu trabalho — o que era perfeitamente dispensável e irrelevante para o caso. Não me interessa o que tomam nem onde vivem, interessa que este “In The Red” é um filha-da-puta d’um disco. **3,8 RA**

WEB (Por) World Wild Web CD'05 . Independent Records

Quem não conhece o Web que se recolha em vergonha debaixo da pedra de onde saiu! Uma das bandas mais carismáticas do Underground nacional consegue finalmente algo que já há muitos anos devia ter acontecido: a edição do álbum de estreia! É impossível separar o nome Web do David Duarte, o seu original vocalista falecido em 2001, um dos grandes impulsionadores da cena metálica nacional e, particularmente, portuense. A sua memória perdura também neste álbum, mas não seja pela inclusão de algumas faixas retiradas das suas anteriores Demos, em que David cantou, como por exemplo “Planet Of Confusion”. Mas este não é um trabalho com olhos no passado, bem pelo contrário: os Web apresentam-se aqui mais coesos que nunca, debitando o seu Thrash com traços ocasionais mais Heavy Metal. Não ficamos só por aqui, já que faixas como “Invocation” trazem uma frescura adicional, com a sua melodia e registo vocal mais pausado. A juntar à qualidade e virtuosismo dos seus músicos, os Web contam também neste trabalho com (mais) uma gravação de qualidade do Luis Barros e uma masterização de Tommy Newton nos Area 51 Studios, na Alemanha. Com um belo trocadilho no título do álbum, conjugado com o nome da banda, os Web estão finalmente lançados para alcançarem um novo patamar no seu já longo percurso de cerca de 18 anos. É um trabalho competente, bem tocado e o prémio para quem tanto lutou ao longo de tantos anos. E só por isso já vale a pena. **3 Lurker**

WEIRD WAR (EUA) Illuminated By The Light

CD'05 . Drag City Records

Neste terceiro disco dos Weird War, os ex-Make-Up lan Svenonius e Michelle Mae decidem passear pelos caminhos perigosos do psicadelismo e da esquizofrenia, num imaginário gnóstico e egípcio assombrado por cães (“Destination: Dog Food”, dizem). E os restantes títulos deixam um pouco a desejar sobre a saúde mental de quem os escreveu — “Mental Poisoning”, “Crystal Healing”, “Motorcycle Mongoloid”. O *artwork* complementa: árvores com as suas caras, escadas e cobras, cores, etc. Na música, as influências provêm alguns dos anos 60 ou 70, da passagem do hippie para o funk, do simples e básico para o groove, funk e o dançável. Move-se no limiar do quase *break*, *new age* e psicadélico sem estarem totalmente queimados. E lan prova mais uma vez ser o “maior poeta da América”. “Illuminated By The Light” é um disco cheio de luz, iluminado, quase infantil e *naïf* nos seus coros e palmas, mas adulto nos orgasmos múltiplos e contínuos de lan (3 minutos e 18 segundos em “Earth, Mama...”) e na sensualidade do baixo de Michelle. É um disco para dançar com esses sapatos no escuro. **4 AC**

Bíblia #20

Tiago Gomes, Jul'04

Continua a agonia divina de uma revista que não sabe o que quer ser ou deixar de ser... um número especial dedicado às “Letras”, à poesia latina com participações espanholas, sul-americanas, portuguesas e uma italiana... Mais pobre do que nunca graficamente (quando o grafismo “anarca” era o coração da revista), para não falar da capa mais feia de sempre! Não sei o que se pode dizer mais da *Bíblia* quando até os betinhos da *Mundo Bizarro* já começaram a bater no ceguiño... <http://biblia.werbehure.com> **2,6 Marte**

Carne Argentina

Vários Autores · Under Cómico; 2002

Sete bd's sobre a semana caótica de Dezembro de 2001, em que a Argentina ficou de pantanas devido à gravíssima crise económica. Pouco tempo depois — em Maio de 2002 — a editora espanhola Under Cómico e a argentina La Productora lançavam este livro sobre o sucedido. O resultado podia ser francamente mais interessante. Se por um lado todas as ficções mais ou menos politizadas conseguem transmitir alguns sentimentos do absurdo do que aconteceu, por outro parece que falta uma presença autobiográfica ou de elementos mais factuais para dar um aspecto mais sólido. Tanto, que é verdade que são as histórias mais *non-sense* que conseguem transmitir alguma credibilidade, mais do que as histórias dramáticas — parece paradoxal, não? Como exemplo, a bd de Angel Mosquito (autor já publicado em Portugal no *Mutate & Survive*), conta a história de dois irmãos, cada um na sua barricada: um junto de pessoas que pretendiam saquear o supermercado Coto (o Continente lá do sítio), outro que é empregado

da empresa e é obrigado a defender o estabelecimento. No final, não há nenhum confronto (só em casa, onde ambos discutem), e a história acaba bem — e os irmãos reconciliam-se. A situação de um possível confronto entre os irmãos é bastante irónica tal como a sua reconciliação, mas é credível e faz um retrato do melhor e do pior de que a Humanidade é capaz. Já um exemplo oposto e falhado, a bd de Cristian Mellea — que é um desenhador e narrador virtuoso (do género “realista”), mas a quem falta a alma. Relata-nos a morte de um inocente num confronto policial com manifestantes. A morte (conceptualmente) é desagradável — uma bala de borracha atinge o pescoço da vítima — mas há algo de falso em todas as cenas, criando distanciamento sobre o que vemos. É raro ver violência na bd retratada de uma forma fiel, parece sempre uma caricatura ou uma encenação. E é que os maus exemplos que, no fim, desconfia-se é que os autores desta antologia não viveram “no terreno” os acontecimentos dramáticos da Argentina. O Comité Comiquero Revolucionário acusa-os de “burguesites” e reclama-lhes **3 anos e 7 meses** de penitência. **Marte**

Dead Herring Comics

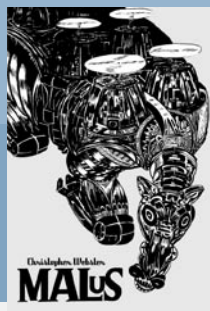
Vários Autores · Actus Tragicus; 2004

Todos os anos o colectivo israelita Actus Tragicus cria um novo projecto editorial. Este ano foi a vez da antologia “Dead Herring”, com as habituais colaborações do colectivo mas também alemães já nossos conhecidos: Anke Feuchtenberger, Ulf K, Henning Wagenbreth e, ainda, o francês Blanquet e o norte americano Art Spiegelman (sobre o 11 de Setembro). A completar o livro uma entrevista (pouco desenvolvida) ao japonês Sueshiro Maruo. Num formato superior ao A4, *Dead Herring* é impressionante pela qualidade da impressão

e grafismo. O material que mais me surpreendeu foi o dos autores israelitas, talvez por conhecer bem os outros — embora seria injusto não destacar Blanquet (com um estilo gráfico mais agressivo do que o habitual), o “Plastic Dog” do Wagenbreth (que vimos no Salão Lisboa 2003) ou novo trabalho a carvão da Anke... Mas são as histórias estranhas dos israelitas que deslumbram, pelo nível gráfico bastante alto e pela capacidade de contar boas histórias: Mira Friedmann relata uma paranoia de uma mulher sobre o Estado manipulador; Yirmi Pinkus sobre a solidão; Rutu Modan sobre uma família pós-pós-neo-neo-nuclear; Batia Kolton também sobre uma família nuclear mas um bocadinho gananciosa. E ainda há coisas incríveis: um texto bastante divertido e ilustrado por Modan, uma experiência narrativa-gráfica de David Polonsky — dois painéis que ilustram em dois tempos a movimentação numa rua — e duas ilustrações iconoclastas sobre a adolescência de Ruth Gwily. **4,7 Marte**

Na verdade tenho 60 anos! #4 Another's Thinking Productions; 2005

Finalmente um novo número do “Na verdade...”! Até parece que 2005 vai ser um bom ano para os zines (de bd)! Temos que admitir que a cena dos zines anda bem por baixo e com uma inactividade demasiada dramática, mesmo para este cinzento Portugal. “Na verdade...”, de Joana Figueiredo, tem sido sempre um zine onde se descobrem bd's hilariantes, bd's intimistas, desenhos e humor *non-sense* à solta e tudo mais que se pode exigir de um zine. É o que acontece mais uma vez neste número — o que não é coisa pouca, mesmo quando são poucas páginas! A única coisa que falta será um bocadinho de organização editorial (a distribuição do material pelas páginas, por exemplo), mas se não fosse confuso não seria um zine, não é? Feliz regresso! me@nerdly.net **3,9 Marte**



“Malus” é o primeiro livro de Chris Webster, um inglês com uma carreira na BD muito peculiar. Por um lado, tem um estilo de desenho que podia ser facilmente enquadrado no mainstream mas por outro, a sua faceta narrativa não é tão simples para uma indústria conservadora — tirando a japonesa onde curiosamente já publicou pela gigantesca Kodansha! Exótico por exótico, o seu primeiro livro é editado em Portugal, pela MMMNNRRRRG.

Fala-me de ti... Chamo-me Christopher John Webster tenho trinta e tal anos. Os meus estudos foram exclusivamente em Belas Artes, estudei Pintura durante 5 anos e só depois comecei a dedicar-me à BD. Não há formação em BD na Inglaterra embora tenha feito algumas aulas nocturnas com David Lloyd [desenhador de “V for Vendetta”]. Trabalho na biblioteca da Tate Gallery há mais de 10 anos. É um trabalho interessante que me deixa tempo para a BD.

Christopher Webster

MALUS · MMMNNRRRRG 2005

Se MALUS tivesse sido imaginado pelo seu autor, Chris Webster, como uma série de álbuns em vez de se cingir a uma história solipsista, faria pelo mundo das lutas empresariais internas o que “Metropol” de Ted McKeever fez pelos conflitos secretos entre o Céu e o Inferno: trazê-los para o meio da rua! Com resultados desastrosos para os edifícios locais, claro. MALUS é bom e até ambicioso; mais graficamente que narrativamente. Delírio urbano-militarista à la Frank Miller em “The Dark Knight Returns”, ligação lynchiana entre uma história de super-heróis e mangá *gone wrong* que nos apresenta o resultado catastrófico de uma misteriosa experiência genética perpetrada sobre inocentes empregados de limpeza, MALUS parece ser uma injeção de uma solução depurada de versões amortecidas de todas essas camadas fantasistas pronta a inocular o leitor e imunizá-lo contra o entretenimento barato que se pode encontrar nas prateleiras actualmente. Porque este livro editado pela MMMNNRRRRG e distribuído pela Associação Chili Com Carne é surpreendentemente moderno. MALUS é uma história com dez anos de idade, mas nunca se tornará datada. Não sei se é um clássico, mas lê-se como um. É, também, o que mais próximo temos de um elo perdido entre o Underground e o mainstream. Esta edição cartonada é um verdadeiro luxo, muito bem impressa e finalizada, com o mérito de manter a legendagem original do autor, acompanhada no rodapé de cada página pela versão portuguesa. A arte de Webster, híbrida do traço de Charles Burns com o Bom Gosto Paranóico de Ted McKeever, é ruidosa, alarve, ambiciosa — *art attack comic book, anyone?* O seu argumento é enigmático e emocionante, mas a narração em diferentes blocos temporais que se cruzam continuamente poderá não ser a mais eficaz para uma história *tipo action-driven*, pois manca o ritmo vertiginoso. O desfecho épico, todavia, é impressionante: confirmem e surpreendam-se. MALUS é sinónimo para situações sinistras, apelido de família para macieiras mirins, um tentativo anagrama para Malevolent United States e, também, um grande livro de BD, e um que aconselho a ler. **4 DS**

Parece-me que ignoras a indústria da BD... Não conheço o teu trabalho a não ser por fanzines auto-editados. Nama base profissional só conheço um argumento teu na antologia “It’s dark in London” [rmx: editada por Oscar Zarate]. Existe algum motivo? Só ignoro a indústria da BD porque ela me ignora a mim! Eu não caibo em nenhum molde da *small press* [alternativa] ou *mainstream*. Ambos os géneros parecem estar confusos sobre mim, embora tenha uns seguidores na BD *small press*. Seja como for, não há propriamente uma indústria de BD na Inglaterra, só resta uma revista [a *2000AD* onde foi criado o mítico Judge Dredd]. Nem tenho nada contra a indústria, só não tenho lugar nela.

Quer no Malus quer no Wormwood, os tipos são mesmo grandes e brutos, mas até são gajos sensíveis. As mulheres são pequenas e/ou manhosas. Porquê? Eu gosto de figuras que sejam grandes e com presença, primeiro porque são mais fáceis de desenhar, e também porque sou pequeno e magricelas! Eu tento fazer as mulheres não muito manhosas. Espero que Carrie no *Malus* seja uma personagem simpática. No *Malus* a dinâmica da relação homem/mulher era “homem grande protege mulher fraca”, no *Wormwood* é “homem grande e estúpido é usado e desprezado por mulher enganadora”.

Os universos que crias nas tuas BD's não têm referências espaciais-temporais... O universo onde se desenrola a acção de *Wormwood* é o mesmo do *Malus*? *Malus* e *Wormwood* têm os seus próprios universos definidos por aquilo que eles são — uma BD. Eu não gosto de criar “universos”, prefiro sugerir coisas e fornecer pistas. Obviamente que isto deve ser sobre um bocadinho confuso para o leitor mas também bastante poderoso, espero.

O que pensas desta coisa estranha, do teu primeiro livro ser publicado por um português? É impressionante! Nunca pensei que tal coisa pudesse acontecer e estou satisfeito que o *Malus* tenha-me feito uma ligação a Portugal. É como se o *Malus* tivesse pegado em mim, me tivesse largado em Lisboa e dissesse “também tens aqui uma casa!”. É uma sensação realmente feliz. **DJ Golden Shower**